

Exame Final Nacional de Português

Prova 639 | 2.ª Fase | Ensino Secundário | 2025

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 62/2023, de 25 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

VERSÃO 2

A prova inclui 10 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 5 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Indique de forma legível a versão da prova.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia o poema.

XXXIX

- O mistério das cousas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?
- 5 E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
Sempre que olho para as cousas e penso no que os homens pensam delas,
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.
- Porque o único sentido oculto das cousas
É elas não terem sentido oculto nenhum.
- 10 É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as cousas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.
- 15 Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: —
As cousas não têm significação: têm existência.
As cousas são o único sentido oculto das cousas.

Fernando Pessoa, *Poesia de Alberto Caeiro*, edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, 3.ª ed., Lisboa, Assírio & Alvim, 2014, p. 75.

- * 1. As interrogações retóricas presentes na primeira estrofe estão ao serviço da ironia manifestada no riso do sujeito poético.

Refira os motivos desse riso irónico.

- * 2. Releia os versos de 6 a 17.

Explicite em que consiste a oposição entre o «eu» e os outros homens, relativamente ao modo como se constrói o conhecimento das «cousas».

3. As afirmações seguintes referem-se à poesia de Alberto Caeiro.

- A. Deambulando pelo campo e observando aquilo que o rodeia, o sujeito poético afirma o seu indiscutível amor à «Natureza sem gente».
- B. Os poemas deste heterónimo pessoano apresentam, frequentemente, marcas do texto argumentativo.
- C. A liberdade formal e o predomínio de verbos no presente do indicativo são características da poesia de Caeiro.
- D. Para o sujeito poético, o tempo reduz-se ao momento presente, o que lhe permite apreciar a eterna novidade do mundo.
- E. O discurso poético aproxima-se da fluidez coloquial da fala, ao recriar uma linguagem simples através de repetições, quer vocabulares quer sintáticas.

Identifique as **três** afirmações que podem ser comprovadas através da leitura do poema apresentado.

Escreva, na folha de respostas, o número do item e as três letras que correspondem às afirmações selecionadas.

PARTE B

Leia o texto e a nota.

- Vindo pois, irmãos, às vossas virtudes, que são as que só podem dar o verdadeiro louvor, a primeira que se me oferece aos olhos hoje é aquela obediência, com que chamados acudistes todos pela honra de vosso Criador e Senhor, e aquela ordem, quietação e atenção com que ouvistes a palavra de Deus da boca de seu servo António. Oh grande louvor verdadeiramente
- 5 para os peixes, e grande afronta e confusão para os homens! Os homens perseguindo a António, querendo-o lançar da terra e ainda do mundo, se pudessem, porque lhe repreendia seus vícios, porque lhe não queria falar à vontade e condescender com seus erros, e no mesmo tempo os peixes em inumerável concurso acudindo à sua voz, atentos e suspensos às suas palavras, escutando com silêncio, e com sinais de admiração e assenso¹ (como se tiveram
- 10 entendimento) o que não entendiam! Quem olhasse neste passo para o mar e para a terra, e visse na terra os homens tão furiosos e obstinados e no mar os peixes tão quietos e tão devotos, que havia de dizer? Poderia cuidar que os peixes irracionais se tinham convertido em homens, e os homens não em peixes, mas em feras. Aos homens deu Deus uso de razão, e não aos peixes; mas neste caso os homens tinham a razão sem o uso, e os peixes o uso sem a
- 15 razão. Muito louvor mereceis, peixes, por este respeito e devoção que tivestes aos Pregadores da palavra de Deus, e tanto mais quanto não foi só esta a vez em que assim o fizestes. Ia Jonas, Pregador do mesmo Deus, embarcado em um navio, quando se levantou aquela grande tempestade; e como o trataram os homens, como o trataram os peixes? Os homens lançaram-no ao mar a ser comido dos peixes, e o peixe que o comeu levou-o às praias de
- 20 Nínive, para que lá pregasse e salvasse aqueles homens. É possível que os peixes ajudem à salvação dos homens, e os homens lançam ao mar os ministros da salvação? Vede, peixes, e não vos venha vanglória, quanto melhores sois que os homens. Os homens tiveram entranhas para deitar Jonas ao mar, e o peixe recolheu nas entranhas a Jonas, para o levar vivo à terra.

Padre António Vieira, *Sermão de Sto. António (aos peixes) e Sermão da Sexagésima*, edição de Margarida Vieira Mendes, Lisboa, Seara Nova, 1978, pp. 71-73.

NOTA

¹ *assenso* – concordância.

- * 4. «Aos homens deu Deus uso de razão, e não aos peixes; mas neste caso os homens tinham a razão sem o uso, e os peixes o uso sem a razão.» (linhas de 13 a 15).

Relacione o sentido da afirmação com o episódio da vida de Santo António evocado nas linhas de 1 a 13.

- * 5. «Os homens tiveram entranhas para deitar Jonas ao mar, e o peixe recolheu nas entranhas a Jonas, para o levar vivo à terra.» (linhas 22 e 23).

Interprete a afirmação, tendo em conta o jogo entre o sentido literal e o sentido figurado ou metafórico da palavra «entranhas».

6. Complete as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, registre apenas as letras – **a)** e **b)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada.

No excerto do *Sermão de Santo António (aos peixes)* apresentado, evidenciam-se diversos recursos usados pelo orador quer para deleitar quer para persuadir o auditório.

Observa-se, assim, nas linhas 4 e 5, o recurso **a)** para realçar a intenção crítica do orador. Esta intenção é também reforçada pela referência à situação vivida por Jonas (linhas 17 a 20), a qual constitui **b)** .

a)	b)
1. à anáfora e à personificação	1. uma tese a defender pelo orador
2. à apóstrofe e à metáfora	2. um exemplo bíblico
3. à exclamação e à antítese	3. um argumento de autoridade

PARTE C

*** 7.** Leia a cantiga de amigo de Martim Codax.

Ai ondas, que eu vim veer,
se me saberedes dizer
porque tarda meu amigo sem mim?

Ai ondas, que eu vim mirar,
5 se me saberedes contar
porque tarda meu amigo sem mim?

A Lírica Galego-Portuguesa, edição de Elsa Gonçalves e Maria Ana Ramos, 2.^a ed., Lisboa, Editorial Comunicação, 1985, p. 265.

Escreva uma breve exposição na qual compare o modo como a natureza é perspectivada na poesia de Alberto Caeiro e na cantiga de amigo apresentada.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicita dois aspetos em que a representação da natureza na poesia de Caeiro se distingue da representação da natureza na cantiga de amigo apresentada;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

GRUPO II

Leia o texto e as notas.

Um busto de bronze de um português antigo entre umas rochas num jardim do Extremo Oriente. O que é isto, como se compreende isto? Wenceslau de Moraes deixou-nos uma descrição deste jardim tal como o encontrou em 1890: «Pedras amontoadas sobre pedras, constituindo um pequeno outeiro eriçado de arestas musgosas; abraçando-se ao granito, estendendo as raízes por entre os negros mamelões¹, soberbas árvores seculares; tal é o que em Macau se chama a Gruta de Camões, e que já de longe destaca, na aridez quase uniforme da costa, como um grande ramalhete de verdura.»

Não há grandiloquência neste texto. O Camões-histórico é referido como «um pobre procurador dos defuntos e ausentes» que deambulava por aquelas bandas e se refugiava à sombra de três grandes pedras, a suposta «gruta». A cidade de Macau, «pequenino domínio» português, vê-se reduzida a «uma língua de rocha, apenas perceptível nas cartas geográficas». E, no entanto, este jardim tem uma qualquer grandeza, e essa grandeza vem do «encanto natural da posição dominante», dos «horizontes vastos», «da vegetação vigorosa que aqui encontra asilo, conchegada com as rochas contra a fúria inclemente dos tufões». O texto não é uma apoteose² camoniana, e ainda menos um ditirambo³ imperial; imbuído do espírito japonês, Moraes mostra-se sobretudo tocado pela serenidade de um jardim inesperado, «a face limosa⁴ das pedras abruptas», «a solidão das áleas⁵ sombreadas», «o encanto dos panoramas» de onde se veem as casas negras, a azáfama do porto, o fogo de artifício. Esta evocação paisagística abdica da faceta «patriótica», mas não deixa de ter o turbulento Camões como improvável patrono daquela tranquilidade, daquela ausência momentânea de amargura, que ele próprio nunca experimentou, e que nos deixa «compenetrados no respeito das coisas».

Três décadas mais tarde, a 10 de junho de 1924, outro grande «asiático» português, Camilo Pessanha, proferiu uma conferência intitulada «Macau e a gruta de Camões». Apesar da ocasião oficial, Pessanha evita igualmente o tom nacionalista. A grande questão que o preocupa é a possibilidade ou impossibilidade de um poeta continuar a ser poeta em terras distantes, uma vez que «a inspiração poética é emotividade, educada, desde a infância e com profundas raízes, no húmus⁶ do solo natal». Pessanha tem um entendimento bucólico, localista, da poesia, ou da sua origem, e não esconde o seu ceticismo: não há verdadeira capacidade poética quando a pátria está distante. A gruta de Camões suscita-lhe então uma ideia original: a do génio como ilusão de estar em casa.

Pedro Mexia, «Camões em Macau», *Lá Fora*, Lisboa, Edições Tinta-da-china, 2018, pp. 86-87.

NOTAS

¹ *mamelões* – colinas; outeiros.

² *apoteose* – homenagem grandiosa.

³ *ditirambo* – poesia de carácter elogioso.

⁴ *limosa* – coberta de algas.

⁵ *áleas* – ruas ladeadas por árvores.

⁶ *húmus* – matéria orgânica resultante da decomposição de detritos vegetais e animais.

* 1. A designada Gruta de Camões, em Macau, surpreende

- (A) por ter sido descrita por Wenceslau de Moraes.
- (B) por constituir um espaço indistinto da orla marítima.
- (C) por ter o nome do poeta a si associado.
- (D) por se distinguir da morfologia da costa.

* 2. No contexto em que ocorre, a sequência «E, no entanto» (linha 12) permite estabelecer uma comparação

- (A) entre a insignificância das referências a Camões e o deslumbramento provocado pelo jardim.
- (B) entre a pequenez do domínio português no Oriente e a vastidão de horizontes a descobrir.
- (C) entre a veracidade dos factos mencionados e a objetividade na descrição do real observado.
- (D) entre a quietude da vida de Camões por aquelas bandas e a tranquilidade revelada pelo jardim.

3. Na conferência proferida em 10 de junho de 1924, Camilo Pessanha defende que

- (A) a genialidade de Camões é influenciada pelo sentimento nacionalista.
- (B) a inspiração de Camões em terras distantes só se pode explicar pela saudade.
- (C) a genialidade poética está associada a uma profunda ligação à terra natal.
- (D) a inspiração poética é intensificada quando o poeta está ausente da pátria.

4. As palavras sublinhadas nas sequências «tal como o encontrou» (linha 3) e «uma qualquer grandeza, e essa grandeza» (linha 12) são mecanismos que contribuem para a coesão

- (A) gramatical referencial, no primeiro caso, e gramatical frásica, no segundo caso.
- (B) gramatical referencial, no primeiro caso, e lexical por reiteração, no segundo caso.
- (C) lexical por substituição, no primeiro caso, e lexical por reiteração, no segundo caso.
- (D) lexical por substituição, no primeiro caso, e gramatical frásica, no segundo caso.

* 5. Na expressão «que deambulava por aquelas bandas e se refugiava» (linha 9), exprime-se, simultaneamente,

- (A) uma situação habitual e um valor imperfetivo. (B) um valor perfetivo e uma situação habitual.
- (C) uma situação genérica e um valor perfetivo. (D) um valor imperfetivo e uma situação genérica.

* 6. A única expressão que desempenha a função sintática de complemento oblíquo é

- (A) «dos tufões» (linha 14).
- (B) «da faceta “patriótica”» (linha 19).
- (C) «de Macau» (linha 10).
- (D) «de arestas musgosas» (linha 4).

7. A oração iniciada pela palavra «que» (linha 20) e a oração iniciada pela expressão «uma vez que» (linha 26) são subordinadas

- (A) adjetiva relativa explicativa, no primeiro caso, e adverbial concessiva, no segundo caso.
- (B) adjetiva relativa restritiva, no primeiro caso, e adverbial concessiva, no segundo caso.
- (C) adjetiva relativa explicativa, no primeiro caso, e adverbial causal, no segundo caso.
- (D) adjetiva relativa restritiva, no primeiro caso, e adverbial causal, no segundo caso.

* GRUPO III

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, faça a apreciação crítica do *cartoon* «Reflorestação», da autoria de Victor Solís.

No seu texto, deve incluir:

- a descrição da cena apresentada, destacando elementos significativos da composição da imagem;
- um comentário crítico, fundamentando a sua apreciação em, pelo menos, três aspetos relevantes e utilizando um discurso valorativo;
- uma conclusão adequada aos pontos de vista desenvolvidos.



World Press Cartoon – Caldas da Rainha 2022, p. 143.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2025/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 10 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo										Subtotal
	I					II				III	
	1.	2.	4.	5.	7.	1.	2.	5.	6.		
Cotação (em pontos)	13	13	13	13	13	13	13	13	13	44	161
Destes 5 itens, contribuem para a classificação final da prova os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	I		II								Subtotal
	3.	6.	3.	4.	7.						
Cotação (em pontos)	3 × 13 pontos										39
TOTAL											200